

Análise do grau de instrução financeira dos acadêmicos da UNIOESTE do campus de Francisco Beltrão

Marco Aurelio Kasmin¹

Nauber Scopel Jr²

Recebido em 12/11/24. Aprovado em 31/07/2025

Resumo: O endividamento é um tema cada vez mais presente na vida das famílias brasileiras. Por isso, é essencial que as pessoas possuam ao menos um conhecimento básico em educação financeira para desenvolver uma consciência clara sobre a relação entre desejo e necessidade na hora de realizar compras, além de elaborar e manter um planejamento pessoal eficiente para a gestão do dinheiro. Este estudo tem como objetivo analisar o nível de instrução financeira dos acadêmicos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão, e a aplicação dos princípios da educação financeira por parte desses acadêmicos. A pesquisa é qualitativa e exploratória, com coleta de dados primários realizada por meio de questionários. A população estudada inclui os 1303 acadêmicos matriculados na UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão, no ano de 2022, dos quais 433 responderam ao questionário. Os resultados indicam que os estudantes do curso de Ciências Econômicas possuem um nível de instrução financeira mais elevado em comparação com os demais cursos, seguidos pelos estudantes do curso de Administração. Este achado sugere que as disciplinas desses cursos ampliam o conhecimento e incentivam os acadêmicos a adotarem boas práticas na gestão de suas finanças pessoais.

Palavras-chave: Endividamento. Educação financeira. Investimentos. Acadêmicos.

Financial education among students of UNIOESTE, Francisco Beltrão campus

Abstract: Debt is an increasingly prevalent issue in Brazilian families today. Therefore, it is crucial for individuals to possess at least a basic understanding of financial education to develop a clear awareness of the relationship between desire and necessity when making purchases, as well as to create and maintain effective personal financial planning. This study aims to analyze the level of financial literacy among students at the State University of Western Paraná (UNIOESTE), Francisco Beltrão campus, and the application of financial education principles by these students. The research is qualitative and exploratory, with primary data collected through questionnaires. The studied population includes the 1303 students enrolled at UNIOESTE, Francisco Beltrão campus, in 2022, of which 433 responded to the questionnaire. The results indicate that students in the Economics course have a higher level of financial literacy compared to other courses, followed by students in the Administration course. This finding suggests that the subjects in these courses enhance students' knowledge and encourage the adoption of good practices in personal financial management.

Keywords: Debt. Financial education. Investments. University students.

¹Doutorado em Desenvolvimento e agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduado em ciências econômicas pela Universidade Estadual de Maringá. Docente no Departamento de Ciências Econômicas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Cascavel. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5535-9753> E-mail: marcokasmin@hotmail.com

² Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: junior.scopel83@gmail.com

Introdução

Uma pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) revelou que cerca de 78% das famílias brasileiras estão endividadadas, o maior percentual já registrado (CNC, 2022). O endividamento, quando não planejado, resulta de um descontrole financeiro, com gastos superando a renda (Vieira; Kilimnik; Santos Neto, 2016). Esse cenário gera preocupações adicionais, como estresse e ansiedade, afetando a qualidade de vida (Souza; Rogers; Rogers, 2019).

A pandemia de COVID-19 agravou essa situação, causando desemprego, aumento da informalidade e inadimplência (Costa, 2020). Além disso, a falta de poupança para emergências e o analfabetismo financeiro contribuíram para a crise (Melonio *et al.*, 2021). Historicamente, variações monetárias e alta inflação no Brasil criaram uma cultura de decisões financeiras de curto prazo (Teixeira, 2015).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) destaca que a educação financeira beneficia todos, independentemente da renda (OCDE, 2005). A instituição ajuda indivíduos a planejar e controlar dívidas e investimentos, e as famílias a economizar e gerenciar melhor seus recursos. Pindyck e Rubinfeld afirmam que os consumidores devem tomar decisões racionais para maximizar a utilidade de seus recursos, mas a falta de educação financeira dificulta essa prática (Pindyck; Rubinfeld, 2014). Isso levanta a questão: qual é o nível de instrução financeira dos acadêmicos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná?

Espera-se que os alunos do curso de Ciências Econômicas demonstrem uma maior instrução financeira, devido ao seu interesse natural e às disciplinas específicas oferecidas pelo curso, como Introdução à Economia e Macroeconomia. Essas disciplinas fomentam o pensamento crítico e uma visão abrangente da economia, permitindo decisões financeiras mais informadas.

O objetivo geral deste estudo é analisar o grau de instrução financeira dos estudantes da UNIOESTE de Francisco Beltrão. Os objetivos específicos incluem mensurar, com base nos pilares da OCDE, o nível de instrução financeira dos acadêmicos por curso; e analisar os resultados obtidos por curso e a diferença entre os cursos.

A lógica consumista prega que é necessário consumir para se alcançar, mesmo que por um momento, a sensação de liberdade, dando assim sentido à vida a partir das práticas de comprar e consumir (Silva; Carvalhaes, 2016). As compras irracionais são nocivas à estabilidade financeira dos indivíduos e elas ocorrem por vários motivos. Dentre eles, podemos destacar os fatores exógenos como o marketing, que influencia o indivíduo por meio de gatilhos mentais, provocando

a ilusão de que é preciso comprar um produto para se sentir feliz e satisfeito. Outro fator exógeno pode ser o status que determinado produto proporciona, fazendo a pessoa se sentir aceita em determinado meio social. As inovações tecnológicas reforçam esses fatores, pois permitem, principalmente por meio das redes sociais, que as pessoas sejam bombardeadas com diversas propagandas e incentivos ao consumo a todo momento.

Além disso, bancos digitais e aplicativos de bancos tradicionais têm ampliado o acesso ao crédito, provendo muitas facilidades burocráticas, ao mesmo tempo que colocam o crédito como uma nova gama de produtos, deixando os clientes sem instrução sem saber exatamente o custo efetivo total (CET). A facilidade dos meios de pagamento tem se mostrado um fator relevante para o consumo de massa, pois é possível realizar compras autorizando o pagamento pelo celular, com um simples toque no leitor de digitais, bem como realizar uma transferência instantânea por meio de PIX.

Ademais, há fatores endógenos que, segundo Contreras *et al.* (2006), são fatores particulares, como o humor e o estado emocional em que a pessoa se encontra, influenciando na tomada de decisões na hora de consumir. A teoria econômica afirma que o ímpeto de consumo é infinito, que os desejos de consumo nunca cessam; no entanto, a mesma teoria afirma que há uma relação entre o consumo presente e o consumo futuro. Há prazer e satisfação em poupar para sentir-se seguro no presente, assim como em poupar para fazer aquisições maiores no futuro (Mankiw, 2001).

A educação financeira se torna um instrumento que amplia as chances de consecução de objetivos de longo prazo, assim como da manutenção de reservas e da satisfação que este elemento de segurança traz. É a educação financeira que propicia os instrumentos para evitar perigosas armadilhas financeiras, que trazem infelizes consequências: endividamento, inadimplência, estresse, frustração e, em casos severos, depressão. Próximas deste quadro estão 78% das famílias brasileiras, como mostra um estudo divulgado no final do primeiro semestre de 2022. De acordo com a CNC, aproximadamente 78% das famílias brasileiras estão endividadas. Embora se afirme com frequência que o endividamento é causado pela pobreza, dois fatores podem ser elencados como indício contrário: i) pessoas sem renda e sem patrimônio têm dificuldade de acesso ao crédito; ii) o crescente número de famílias endividadas coaduna com o crescimento e desenvolvimento da economia nacional.

Assim, apesar de a pandemia ter influenciado no aumento desse endividamento, os efeitos da pandemia são intensificados pela falta de alfabetização financeira (Melonio, De Cezere; De Castro Oliveira, 2021). Especificamente para esta pesquisa, a explicação de que o endividamento

se dá exclusivamente por falta de condições, que então levaria o indivíduo a tomar crédito, não se aplica, dado que a renda familiar dos universitários está, significativamente, acima da renda familiar média nacional (Moraes; Albuquerque, 2021). Sobre a população da pesquisa, foi elaborado um perfil socioeconômico que será abordado na seção de resultados e discussões.

Evidencia-se, portanto, a necessidade que os indivíduos têm de controlar suas finanças, realizar compras conscientes e guardar reservas para investir, pois o imediatismo tomou conta da sociedade contemporânea, trocando-se o médio e longo prazo pelo curto. Dessa forma, a educação financeira proporciona ferramentas que permitem a possibilidade de melhorar a administração do dinheiro e das finanças pessoais (Lucci *et al.*, 2006). Sendo explícita a importância da educação financeira.

Consumo e endividamento

No ano de 2022, o endividamento atingiu a maior parte das famílias brasileiras. Segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), realizada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o primeiro semestre de 2020 registrou 67,1% das famílias endividadas, número que aumentou para 69,7% em junho de 2021 e atingiu 77,7% em 2022, o maior patamar desde o início da PEIC em 2010 (CNC, 2022).

As dívidas abrangem modalidades como cartão de crédito, cheque especial e pré-datado, crédito pessoal e consignado, carnês de lojas e prestações de carro e casa. Em abril de 2021, o percentual de endividamento foi o menor dos últimos doze meses, mas aumentou continuamente até 2022. O cartão de crédito é o principal responsável, presente em 88,8% das famílias endividadas, seguido por carnês (18,2%), financiamento de carro (11,2%), crédito pessoal (9,4%) e financiamento de casa (8,3%) (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, 2021).

No Paraná, o endividamento também cresceu, alcançando 92,5% das famílias em maio de 2022, conforme a PEIC desenvolvida pela CNC e pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Paraná (Fecomércio PR). Esse percentual era de 91,6% em abril de 2022 e 89,2% em maio de 2021, sendo o maior índice da série histórica da pesquisa. O cartão de crédito lidera as dívidas no estado (81,4%), seguido por financiamento de casa (8,2%), financiamento de carro (7,5%), crédito pessoal (2,3%) e consignado (1,7%).

A sociedade contemporânea é marcada pelo consumismo, onde as pessoas associam o ato de comprar com felicidade, buscando satisfazer seus desejos (Silva, 2016). O acesso ao crédito

facilita o consumo, mas também leva ao endividamento (Trindade, Righi; Vieira, 2012). Vieira, Kilimnik e Santos Neto (2016) apontam que o endividamento é frequentemente causado pelo descontrole de gastos, ocorrendo quando os gastos superam a renda, muitas vezes em itens supérfluos. O acesso fácil ao crédito torna o endividamento independente do nível de renda, afetando pessoas de alta renda, bem como as de baixa renda.

Contreras *et al.* (2006) destacam que um dos principais motivos para a aquisição de dívidas é a busca inconsciente de satisfação para preencher um vazio afetivo. A dívida pode ser oculta, enquanto a compra é exibida, incentivando o consumo pelo endividamento. Leite e Santos (2007) observam que a sociedade capitalista, baseada na produção e consumo, oferece uma quantidade exorbitante de produtos, influenciando os consumidores através da publicidade, que pode levar a compras impulsivas.

Souza, Rogers e Rogers (2019) ressaltam que o endividamento elevado preocupa as famílias brasileiras, trazendo inconveniências financeiras e problemas que afetam a qualidade de vida, como estresse, ansiedade e depressão. a qualidade de vida é subjetiva e depende da individualidade de cada pessoa. Pode ser dividida em tendências ligadas à saúde física e mental e a estudos sociológicos (Ferreira, 2017). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define qualidade de vida como “a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais vive, em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (Amadeu, 2017). Adriano *et al.* (2000) acrescentam que a qualidade de vida depende de condições de existência, acesso a bens e serviços econômicos e sociais, como emprego, renda, educação, saúde, saneamento, habitação e transporte.

Carvalho, Sousa e Fuentes (2017) afirmam que o endividamento, composto por dívidas e contas, resulta em condições emocionais nocivas ao indivíduo. Contreras *et al.* (2006) associam a dívida a estresse, ansiedade e culpa, afetando a saúde mental. Problemas financeiros causam ansiedade e tensão, desencadeando estresse emocional (Souza, 2017). Vieira, Kilimnik e Santos Neto (2016) observam que, embora não haja relação direta entre endividamento e satisfação no trabalho, o endividamento pode causar perda de concentração, diminuição da motivação e produtividade, interferindo na qualidade de vida.

Em suma, o endividamento impacta negativamente a qualidade de vida, comprometendo a renda e privando o acesso a bens e serviços, além de causar estresse e ansiedade.

Educação e alfabetização financeira

Desde 1994, com a implementação do Plano Real, o Brasil experimentou uma certa estabilidade econômica que aumentou o poder de compra dos brasileiros e permitiu uma previsão mais segura do valor futuro da moeda. No entanto, a conversão das dívidas já existentes e a falta de conhecimento sobre planejamento financeiro pessoal contribuíram para um aumento do endividamento (Leal e Nascimento, 2011). É evidente a dificuldade dos brasileiros em controlar suas finanças pessoais, e um planejamento financeiro bem elaborado é crucial para uma vida financeira estável.

Planejamento financeiro envolve analisar detalhadamente as despesas mensais, conscientizando-se sobre os gastos e aprendendo a gastar de forma eficaz para alcançar objetivos desejados (Silva, 2016). Um bom planejamento financeiro permite decisões que proporcionam uma melhor qualidade de vida (Silva, 2018). A falta desse conhecimento pode levar ao consumo excessivo, afetando não apenas a saúde financeira pessoal, mas também o desenvolvimento das economias e sua sustentabilidade a longo prazo (Wisniewski, 2011).

Segundo Gallery *et al.* (2011), educação financeira é "a capacidade de fazer julgamentos inteligentes e decisões eficazes em relação ao uso e gestão do dinheiro". A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define educação financeira como o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, desenvolvem habilidades e confiança para fazer escolhas mais conscientes e melhorar seu bem-estar (OCDE, 2005).

Vieira, Kilimnik e Santos Neto (2016) destacam a importância de introduzir disciplinas relacionadas à educação financeira nas escolas, para que as crianças aprendam sobre o uso racional do crédito. Contreras *et al.* (2012) sugerem que uma maneira de evitar o endividamento e facilitar a organização financeira é limitar o consumo de dívidas a um terço da renda mensal e conscientizar-se sobre os gastos com cartão de crédito, além de buscar pagar as dívidas antecipadamente.

Macedo Junior (2013) define planejamento financeiro como o processo de gerenciar seu dinheiro para atingir satisfação pessoal, controlando a situação financeira para atender necessidades e alcançar objetivos ao longo da vida. Isso inclui a programação de orçamento, racionalização de gastos e otimização de investimentos.

A OCDE também introduziu o conceito de "alfabetização financeira", com três pilares: comportamento financeiro, conhecimento financeiro e atitude financeira (OCDE, 2018). Potrich,

Vieira e Kirch (2015) explicam que conhecimento financeiro envolve a bagagem educacional adquirida ao longo da vida; comportamento financeiro refere-se à organização dos gastos pessoais e à criação de estabilidade financeira; e atitudes financeiras são formadas por crenças econômicas e são essenciais no processo de decisão de consumo.

Huston (2010) argumenta que a alfabetização financeira abrange o conhecimento e sua aplicação prática na vida diária. Para medir o nível de alfabetização financeira, é necessário observar se o indivíduo possui a informação e a utiliza. Ter educação financeira vai além do conhecimento sobre dinheiro e finanças; significa proporcionar aos cidadãos as ferramentas necessárias para contratar serviços financeiros, consumir e controlar seu orçamento. O primeiro passo para promover o conhecimento financeiro é gerar interesse pelo assunto. Lucci *et al.* (2006) enfatizam que a conscientização financeira é crucial para o bem-estar social, pois jovens e adultos podem tomar decisões comprometedoras ao seu futuro. O conhecimento financeiro permite uma melhor tomada de decisões.

No âmbito acadêmico, a educação financeira tem ganhado relevância. Andrade; Lucena (2018) descobriram que os fatores mais relevantes para o conhecimento financeiro dos alunos são os indicadores de graduação e gênero, com acadêmicos de cursos como economia, finanças e matemática apresentando maior conhecimento financeiro. Oliveira (2022) constatou que indivíduos mais velhos, com renda mais alta e que cursaram disciplinas relacionadas a finanças, apresentam um maior nível de alfabetização financeira. Gadelha, Lucena, De Souza Correia (2015) também destaca que cursos ligados a números, como Ciências Contábeis e Economia, estão intimamente ligados a um melhor entendimento de conhecimentos financeiros.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi realizada entre os acadêmicos com matrícula ativa na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão – PR. A população alvo compreende um total de 1303 alunos distribuídos entre os cursos de Administração (127), Direito (192), Ciências Econômicas (162), Medicina (245), Geografia (138), Nutrição (108), Pedagogia (247) e Serviço Social (84) (UNIOESTE, 2022).

Nos meses de junho e julho de 2022, foi aplicado um questionário³ aos acadêmicos dos oito cursos mencionados, utilizando uma amostra por conveniência para obter o maior número

³ O questionário e a tabulação das respostas podem ser acessados neste [link](#).

possível de respondentes. Gil (2002) considera o questionário uma técnica eficaz de investigação, pois permite atingir um elevado número de pessoas. A amostra final contou com 433 respondentes: 62 de Administração, 79 de Direito, 70 de Ciências Econômicas, 17 de Medicina, 27 de Geografia, 26 de Nutrição, 123 de Pedagogia e 29 de Serviço Social.

O questionário foi elaborado com o intuito de mensurar o nível de alfabetização financeira dos universitários, adaptando 25 questões de Potrich, Vieira e Kirch (2015) e Oliveira (2022), com base nos três pilares definidos pela OCDE (2018): atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro. As sessões de atitude e comportamento financeiros contemplam 6 e 11 perguntas, respectivamente, totalizando 17 questões no estilo Likert de cinco opções: discordo muito, discordo um pouco, nem discordo nem concordo, concordo um pouco e concordo muito. Para fins de mensuração, atribuiu-se 4 pontos para as respostas consideradas positivas (concordo um pouco e concordo muito) e 0 pontos para as respostas negativas (discordo muito, discordo um pouco, nem discordo nem concordo).

A sessão de conhecimento financeiro possui 8 perguntas de múltipla escolha, com apenas uma alternativa correta, valendo 4 pontos cada resposta certa. Dessa forma, o questionário permite um total máximo de 100 pontos. Oliveira (2022) adaptou uma métrica para alfabetização financeira em três níveis, utilizada nesta pesquisa:

Nível 1: nível alto de alfabetização financeira, com mais de 80% de acertos;

Nível 2: nível médio de alfabetização financeira, com 60% a 79% de acertos;

Nível 3: nível baixo de alfabetização financeira, com menos de 60% de acertos.

O questionário foi disponibilizado via *Google Forms* e aplicado por meio de um *QR Code* em sala de aula, com duração média de 10 a 15 minutos, garantindo condições iguais para todos os participantes. Caso o acesso online não fosse possível, um questionário impresso foi fornecido. Após a coleta dos dados, os resultados foram compilados no Excel. A análise dos dados envolveu a criação de gráficos a partir da frequência de pontos obtidos por cada acadêmico, separados por curso, e a construção de quadros organizados pelos três pilares da educação financeira. As análises baseadas na porcentagem média de respostas positivas e negativas foram realizadas e são apresentadas a seguir.

Resultados e discussões

Esta seção apresenta os resultados obtidos por meio da aplicação de questionários aos acadêmicos, organizados por curso.

Administração

No curso de Administração, aproximadamente 70% dos respondentes são do sexo feminino. Cerca de 89% são solteiros e a faixa etária predominante é de 19 a 23 anos. Apenas 2% têm filhos. Em relação à ocupação remunerada, 93% têm emprego, com 80% recebendo uma renda mensal de 1 a 2 salários mínimos.

A classificação do nível de instrução financeira mostra que, dos 62 respondentes, 17 estão no nível 3 (27%), 20 no nível 2 (32%) e 25 no nível 1 (41%). Isso indica que o nível 1, com 40% do total, tem a maior quantidade de pessoas apresentando alta instrução financeira. A distribuição da frequência de pontos pode ser observada na Figura 1.

Figura 1: Distribuição da Frequência da Pontuação – Curso de Administração



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Analisando os pilares de instrução financeira, nota-se que a maioria dos acadêmicos tem atitudes positivas e comportamentos financeiros adequados, porém a média cai em relação ao conhecimento financeiro (Quadro 1).

Quadro1: Média por Pilar – Curso de Administração

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	73,7	26,3
Comportamento financeiro	75,7	24,3
Conhecimento financeiro	59,8	40,2

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A pergunta com menor índice de acertos foi a questão 29: “Considerando-se o investimento a longo prazo (ex.: 5 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?”

Ciências Econômicas

No curso de Ciências Econômicas, 53% dos respondentes são do gênero masculino e 47% do gênero feminino. Cerca de 84% são solteiros, com idades predominantes entre 18 e 23 anos. A maioria não possui filhos (93%). Quanto à ocupação remunerada, 91,4% têm emprego, e 75,7% recebem até 1 ou 2 salários mínimos.

Classificando o nível de instrução financeira, dos 70 respondentes, 11 estão no nível 3 (16%), 15 no nível 2 (21%) e 44 no nível 1 (63%). A distribuição está apresentada na Figura 2.

Figura 2: Distribuição da Frequência da Pontuação – Curso de Ciências Econômicas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

As médias por pilar indicam resultados mais elevados, mas ainda aquém do valor de 80% tido como referência, conforme descrito na metodologia. Valores apresentados no Quadro 2.

Quadro 2: Média por Pilar – Curso de Ciências Econômicas

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	77,8	22,2
Comportamento financeiro	78,0	22,0
Conhecimento financeiro	78,4	21,6

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

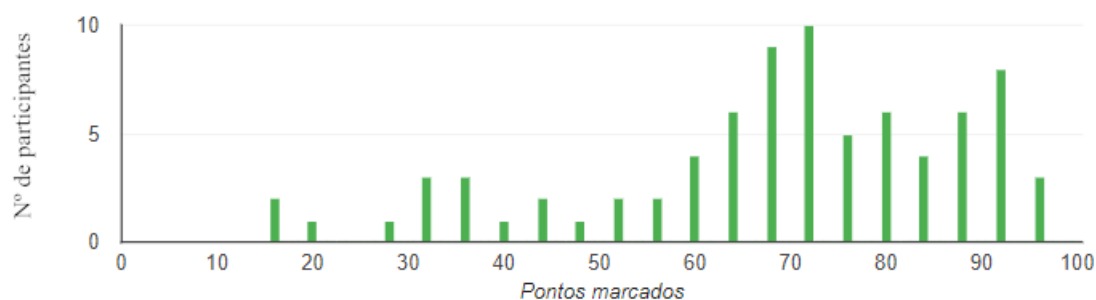
A questão com menor número de respostas positivas foi a questão 25, relacionada a ideias sobre aposentadoria e reserva financeira.

Direito

No curso de Direito, 73% dos respondentes são do gênero feminino e 99% são solteiros, com idades entre 18 e 24 anos. A maioria (96%) não possui filhos. Cerca de 68,4% têm emprego remunerado, com 88,6% recebendo entre 1 e 2 salários mínimos.

Classificando o nível de instrução financeira, dos 79 respondentes, 18 estão no nível 3 (23%), 34 no nível 2 (43%) e 27 no nível 1 (34%). A distribuição está apresentada na Figura 3.

Figura 3: Distribuição da Frequência da Pontuação – Curso de Direito



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

As médias por pilar demonstram níveis mais elevados em atitude e comportamento, com menor performance no conhecimento financeiro (Quadro 3).

Quadro 3: Média por Pilar – Curso de Direito

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	73,2	26,8
Comportamento financeiro	70,1	29,9
Conhecimento financeiro	61,6	38,5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

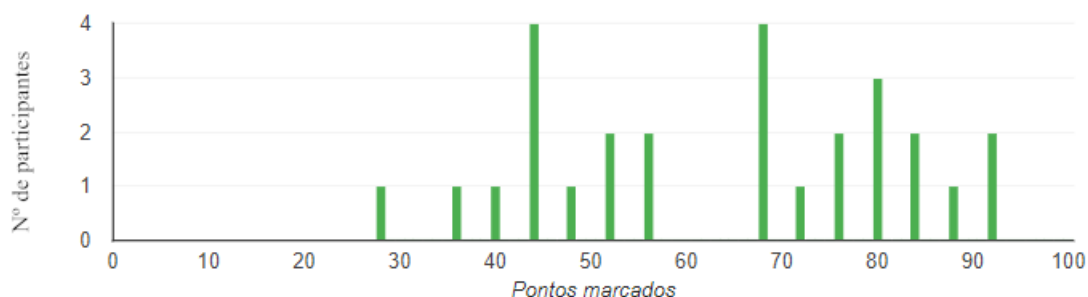
A pergunta com menos respostas positivas foi a pergunta 20, sobre reserva financeira.

Geografia

No curso de Geografia, 67% dos respondentes são do sexo masculino e 33% do sexo feminino. Cerca de 81,5% são solteiros, com idades entre 18 e 24 anos. Apenas 18,5% têm filhos. Cerca de 85% têm emprego remunerado, com 81% recebendo entre 1 e 2 salários mínimos.

Classificando o nível de instrução financeira, dos 27 respondentes, 12 estão no nível 3 (44%), 7 no nível 2 (26%) e 8 no nível 1 (30%). A distribuição está apresentada na Figura 4.

Figura 4: Distribuição da Frequência da Pontuação – Curso de Geografia



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

As médias por pilar mostram que atitude financeira é o pilar com maior índice de respostas positivas (Quadro 4).

Quadro 4: Média por Pilar – Curso de Geografia

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	70,3	29,7
Comportamento financeiro	67,0	33,0
Conhecimento financeiro	54,2	45,8

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

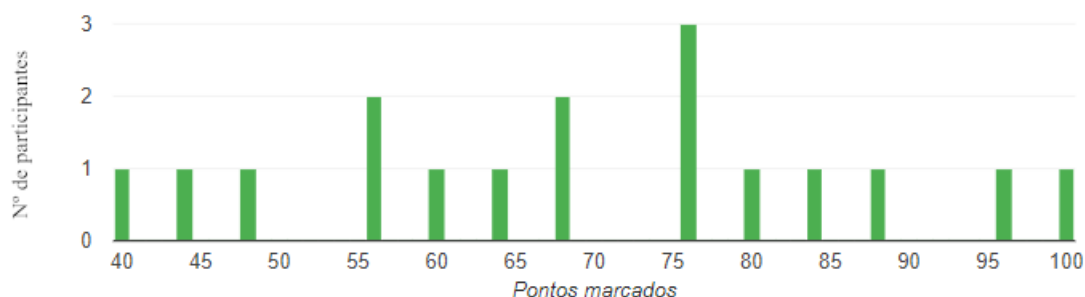
A questão de número 25, sobre poupança e aposentadoria, teve o menor índice de respostas positivas.

Medicina

No curso de Medicina, 82% dos respondentes são do sexo feminino. Cerca de 94% são solteiros, com idades entre 22 e 24 anos. Apenas 6% têm filhos. Cerca de 88% têm emprego remunerado, com 70,6% recebendo entre 1 e 2 salários mínimos.

Classificando o nível de instrução financeira, dos 17 respondentes, 5 estão no nível 3 (29%), 7 no nível 2 (41%) e 5 no nível 1 (29%). A distribuição está apresentada na Figura 5.

Figura 5: Distribuição da Frequência da Pontuação – Curso de Medicina



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

As médias por pilar indicam um equilíbrio entre respostas positivas, com destaque para o conhecimento financeiro (Quadro 5).

Quadro 5: Média por Pilar – Curso de Medicina

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	68,6	31,4
Comportamento financeiro	66,8	33,2
Conhecimento financeiro	73,5	26,5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

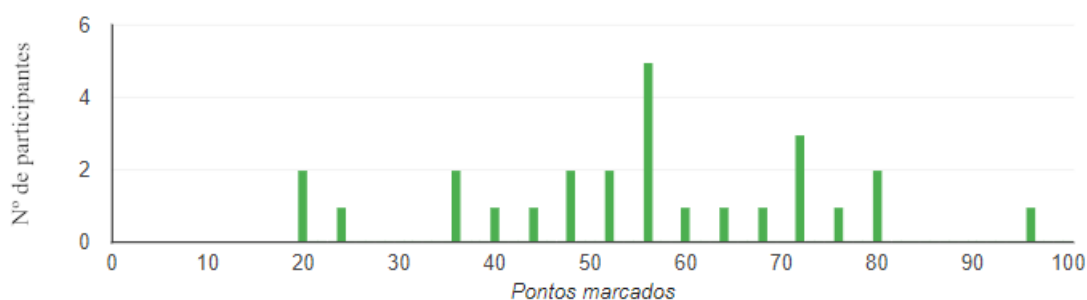
As perguntas de números 4 e 20, sobre planejamento financeiro e investimentos, tiveram os menores índices positivos.

Nutrição

No curso de Nutrição, 88,5% dos respondentes são do sexo feminino. Cerca de 80% são solteiros, com idades entre 20 e 33 anos. Aproximadamente 80,8% não possuem filhos. Cerca de 50% têm emprego remunerado, com 80,7% recebendo entre 1 e 2 salários mínimos.

Classificando o nível de instrução financeira, dos 26 respondentes, 16 estão no nível 3 (62%), 7 no nível 2 (27%) e 3 no nível 1 (12%). A distribuição está apresentada na Figura 6.

Figura 6: Distribuição da Frequência da Pontuação – Curso de Nutrição



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

As médias por pilar para o curso de nutrição mostram resultados positivos variando de 50% a 61%, enquanto os valores negativos ficaram abaixo de 50% (Quadro 6).

Quadro 6: Média por Pilar – Curso de Nutrição

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	61,5	38,5
Comportamento financeiro	55,6	44,4
Conhecimento financeiro	50,5	49,5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

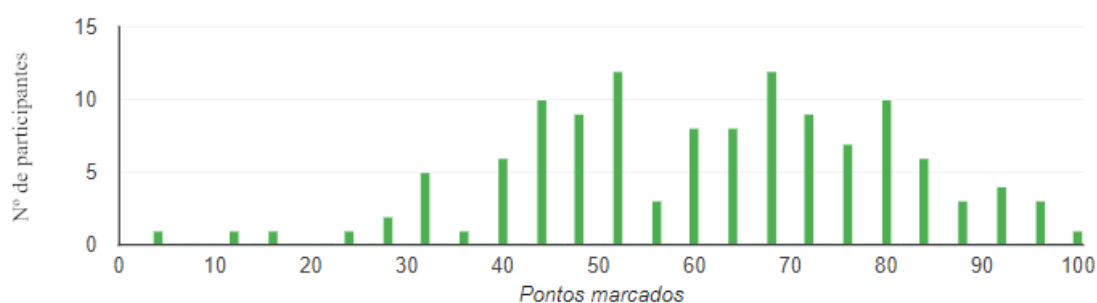
As perguntas com menores respostas positivas foram as de número 14 e 20, sobre planejamento financeiro e investimentos.

Pedagogia

No curso de Pedagogia, aproximadamente 96% dos respondentes são do gênero feminino. Cerca de 76% são solteiros, e a faixa etária predominante está entre 18 e 23 anos. A maioria dos participantes (83%) não possui dependentes. Em relação à ocupação remunerada, 87% têm algum tipo de rendimento, e 79% recebem uma remuneração mensal de 1 a 2 salários mínimos.

A classificação do nível de instrução financeira mostra que, entre os 123 respondentes, 52 (42%) estão no nível 3, 44 (36%) no nível 2, e 27 (22%) no nível 1. Isso indica que a maioria dos alunos de Pedagogia está no nível 3, o que corresponde a um baixo nível de instrução financeira. A distribuição da pontuação por aluno está ilustrada na Figura 7:

Figura 7: Distribuição da frequência da pontuação – Curso de Pedagogia



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A média por pilar revela que o pilar com a maior média de respostas positivas é o de comportamento financeiro, com 69% de respostas positivas. O pilar de atitude financeira segue com 65% de respostas positivas, enquanto o pilar de conhecimento financeiro apresenta a menor média de respostas positivas, com 47,6%, evidenciando que a maioria das respostas para este pilar é negativa. Esses dados estão apresentados no Quadro 7:

Quadro 7: Média por pilar – Curso de Pedagogia

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	65,0	35
Comportamento financeiro	69,0	31,0
Conhecimento financeiro	47,6	52,5

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A pergunta com o menor número de respostas corretas foi a pergunta 28, que aborda ativos, risco e perda de dinheiro, com 33 acertos de um total de 123 respostas.

Serviço Social

No curso de Serviço Social, 93% dos respondentes são do gênero feminino. Aproximadamente 76% são solteiros, e a faixa etária predominante é de 20 a 26 anos. Apenas 31% possuem dependentes, enquanto 69% não têm filhos. Em termos de ocupação remunerada, 79,3% possuem algum tipo de rendimento, e 72,4% recebem uma remuneração mensal de 1 a 2 salários-mínimos.

A distribuição do nível de instrução financeira entre os 29 respondentes é a seguinte: 17 (59%) estão no nível 3, 8 (28%) no nível 2, e 4 (14%) no nível 1. Isso demonstra que a maior parte dos alunos de Serviço Social está no nível 3, indicando uma baixa instrução financeira. A distribuição dos pontos por participante está ilustrada na Figura 8:

Figura 8: Distribuição da frequência da pontuação – Curso de Serviço Social



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A análise dos pilares revela que tanto o pilar de atitude financeira quanto o de comportamento financeiro apresentam mais de 60% de respostas positivas, com a média de respostas negativas variando entre 36% e 39%. O pilar de conhecimento financeiro, no entanto, apresenta uma maior porcentagem de respostas negativas, superando as positivas em 9,1%, como mostrado no Quadro 8:

Quadro 8: Média por pilar – Curso de Serviço Social

PILAR	MÉDIA (em %)	
	Positivas	Negativas
Atitude financeira	63,8	36,2
Comportamento financeiro	61,4	38,6
Conhecimento financeiro	41,9	58,1

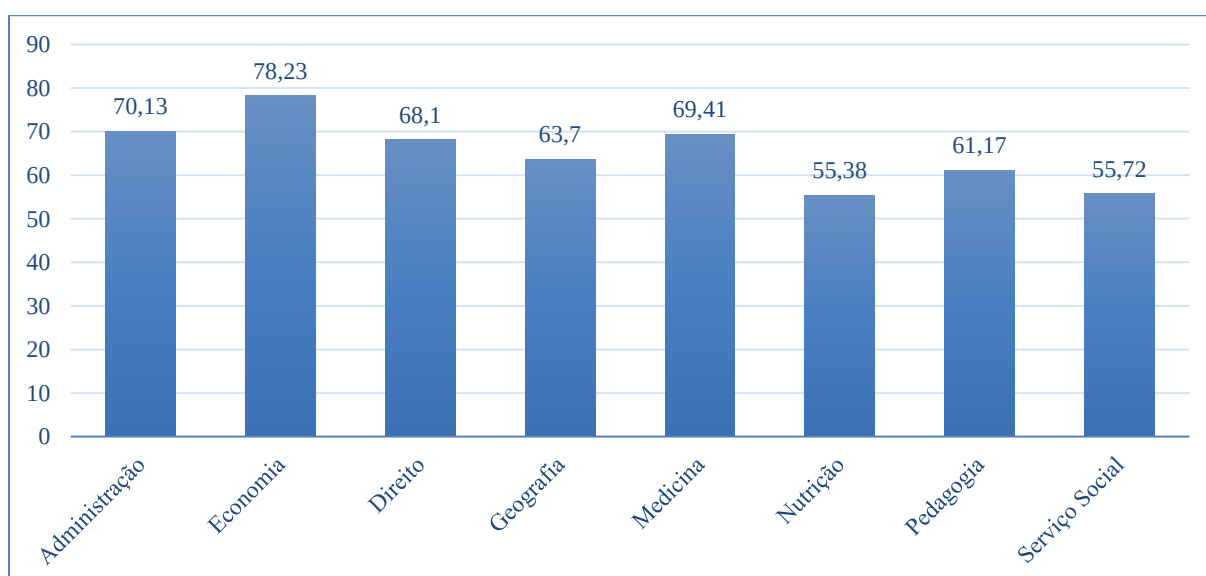
Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

A questão 29, que se refere a investimentos de longo prazo e retornos, obteve o menor índice de acertos, com apenas 4 respostas corretas de um total de 29.

Resultados Gerais

Ao analisar a média geral dos resultados obtidos no questionário para todos os cursos, o curso de Ciências Econômicas destacou-se com a maior média de respostas positivas, alcançando 78,23%. Em seguida, estão os cursos de Administração (70,13%), Medicina (69,41%), Direito (68,1%), Geografia (63,7%), Pedagogia (61,17%), Serviço Social (55,72%) e Nutrição (55,38%). A diferença entre o curso com maior e menor pontuação é de aproximadamente 25 pontos, evidenciando variações significativas no nível de instrução financeira entre os cursos. A Figura 9 ilustra o resumo dos resultados encontrados:

Figura 9: Média da pontuação obtida por curso

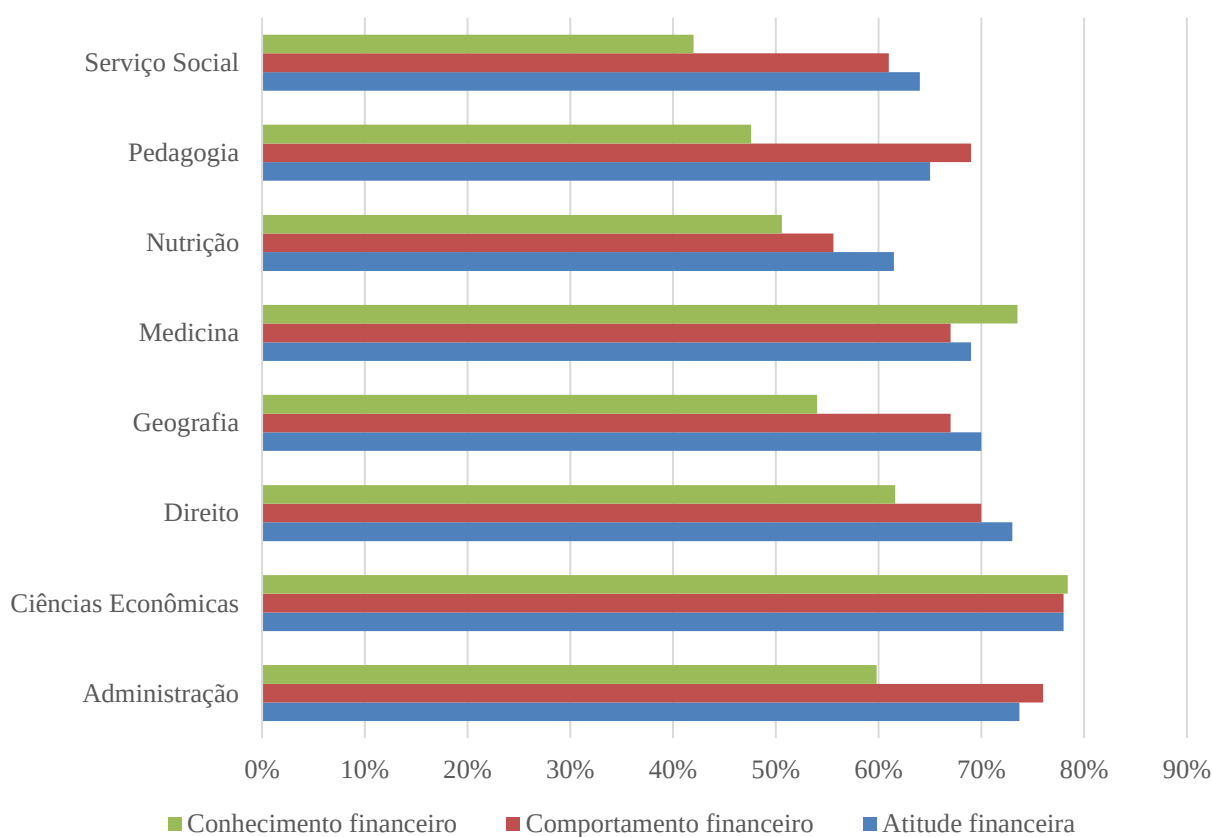


Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Os dados corroboram a hipótese de que cursos com currículos que incluem disciplinas financeiras específicas, como Ciências Econômicas e Administração, tendem a mostrar um desempenho superior em instrução financeira. Estudos anteriores, como os de Lucci *et al.* (2006), destacam que a inclusão de cálculos e finanças na grade curricular contribui para um melhor preparo financeiro dos alunos. Da mesma forma, Worthington (2009) ressalta que profissionais da área econômica são esperados a ter um conhecimento superior em finanças em comparação com profissionais de outras áreas, devido à ênfase na educação financeira durante sua formação.

A análise dos pilares revela que o curso de Ciências Econômicas lidera em todos os aspectos de instrução financeira: atitude financeira, comportamento financeiro e conhecimento financeiro. A Figura 10 demonstra a distribuição da pontuação de respostas positivas obtidas por pilar de alfabetização financeira de cada curso.

Figura 10: Distribuição da pontuação de respostas positivas obtidas por pilar de alfabetização financeira de cada curso



Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Esta análise fornece uma visão abrangente dos níveis de instrução financeira entre diferentes cursos, destacando áreas de força e possíveis lacunas que podem ser endereçadas para melhorar a preparação financeira dos alunos.

Conclusões

A educação financeira desempenha um papel fundamental na formação das decisões e atitudes dos indivíduos no que tange ao consumo e à gestão financeira pessoal. No contexto do presente estudo, o objetivo foi analisar o nível de instrução financeira dos acadêmicos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Francisco Beltrão – PR. Este estudo buscou oferecer uma visão abrangente das diferenças na instrução financeira entre os estudantes de diferentes cursos da instituição.

A análise detalhada dos resultados obtidos revelou que a distribuição do nível de instrução financeira varia significativamente entre os cursos. No curso de Administração, por exemplo, 40% dos alunos foram classificados no Nível 1, o que denota um elevado nível de instrução financeira. Esse grupo demonstrou um entendimento avançado sobre conceitos financeiros e habilidades de gestão financeira, refletindo uma sólida formação na área. Em contraste, o curso de Ciências Econômicas apresentou uma proporção ainda maior, com 63% dos alunos classificados no Nível 1, indicando um alto grau de instrução financeira. A formação específica e aprofundada que este curso oferece, incluindo a análise econômica e financeira, parece ter contribuído para este resultado positivo.

No curso de Direito, 43% dos alunos foram classificados no Nível 2, o que representa um nível médio de instrução financeira. Este resultado sugere que, embora haja um conhecimento razoável sobre finanças, não é tão profundo quanto o observado nos cursos mencionados anteriormente. A formação em Direito pode abordar questões financeiras de forma mais periférica, o que pode explicar a pontuação intermediária.

Por outro lado, no curso de Geografia, 44% dos alunos foram classificados no Nível 3, o que indica um baixo nível de instrução financeira. Esta classificação sugere uma lacuna significativa no conhecimento financeiro, que pode ser atribuída à menor ênfase em conteúdos financeiros no currículo do curso. O curso de Medicina apresentou 41% dos alunos no Nível 2, o que também reflete um nível médio de instrução financeira, possivelmente devido à natureza especializada e menos focada em finanças do currículo médico.

No curso de Nutrição, 62% dos alunos foram classificados no Nível 3, evidenciando um baixo nível de instrução financeira. Este resultado destaca uma carência de conhecimento financeiro significativo entre os estudantes de Nutrição, possivelmente devido à falta de ênfase em finanças dentro do programa de estudos. O mesmo padrão foi observado no curso de Pedagogia, onde 42% dos alunos se enquadraram no Nível 3, e no curso de Serviço Social, com 59% dos alunos também classificados no Nível 3, indicando uma deficiência geral na instrução financeira nesses cursos.

Os resultados do estudo confirmam que o objetivo principal foi alcançado, proporcionando uma análise comparativa do nível de instrução financeira entre os acadêmicos dos diversos cursos. A hipótese de que os estudantes do curso de Ciências Econômicas apresentariam uma pontuação média mais alta do que os alunos de outros cursos foi confirmada pelos dados obtidos através do questionário aplicado.

Embora o curso de Ciências Econômicas tenha apresentado o nível mais alto de instrução financeira, o estudo também destacou que o curso de Administração obteve a segunda maior pontuação. Essa semelhança nos resultados pode ser explicada pela relevância dos conteúdos financeiros no currículo desses cursos. Contudo, é importante considerar que as contribuições deste estudo estão sujeitas a certas limitações. A restrição amostral e a limitação do questionário em avaliar se o conhecimento financeiro dos alunos é adquirido através do curso ou por interesse pessoal independente representam fatores críticos a serem considerados. Esses aspectos levantam a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre a relação entre a formação acadêmica e o interesse pessoal na aquisição de conhecimentos financeiros.

Os dados indicam que, de maneira geral, o nível de instrução financeira dos acadêmicos é baixo, evidenciando a necessidade urgente de desenvolvimento e implementação de estratégias para melhorar essa deficiência. A promoção de projetos de extensão pode ser uma abordagem eficaz para elevar o nível de instrução financeira, beneficiando não apenas os acadêmicos, mas também a comunidade local em que a Universidade Estadual do Oeste do Paraná está inserida.

Além disso, sugere-se a realização de pesquisas adicionais para aprofundar a compreensão dos fatores que influenciam o grau de instrução financeira dos acadêmicos. É fundamental verificar a hipótese levantada à luz dos resultados, comparando o nível de instrução financeira de estudantes de Economia com aqueles que desenvolvem interesse pelo tema por iniciativa própria. Estudos futuros poderiam investigar a diferença entre o conhecimento financeiro adquirido ao longo do curso e o conhecimento desenvolvido por interesse pessoal, analisando o grau de instrução de alunos ingressantes e seu progresso ao longo do curso. Essa abordagem

permitirá uma compreensão mais completa das dinâmicas que afetam a educação financeira e proporcionará insights valiosos para a formulação de estratégias educativas mais eficazes.

Referências

- ANDRADE, J. P.; LUCENA, W. G. L. Educação financeira: uma análise de grupos acadêmicos. **Revista Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 18, n. 49, p. 103–121, 2018. DOI: 10.5752/P.1984-6606.2018v18n49p103-121. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/economiaegestao/article/view/10121> Acesso em: jul. 2023.
- ADRIANO, J. R., WERNECK, G. F., SANTOS, M.A .; SOUZA, R .C. A construção de cidades saudáveis: uma estratégia viável para a melhoria da qualidade de vida? **Ciência & Saúde Coletiva**, 5(1): 53-62. 2000.
- BRASIL. Portal da Educação Financeira. **Ministério da Fazenda**. Disponível em: <https://www.fazenda.gov.br/educacao-financeira>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- CARVALHO, L., SOUSA, A., FUENTES, G. **Impacto do endividamento na qualidade de vida**. UEPG-ADM (v.5) 2017.
- CNC - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) 2021** Disponível em: [PEIC](#) | [Índices](#) | [Pesquisas](#) | [FecomercioSP](#) Acesso em jan. de 2022.
- CNC - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) 2022**. Disponível em: [PEIC](#) | [Índices](#) | [Pesquisas](#) | [FecomercioSP](#) Acesso em jan. de 2022.
- CONTRERAS, J. *et al.* *Factores endógenos y exógenos en el comportamiento del consumidor*. **Investigación bibliotecológica**, Vol. 27, Núm. 61, septiembre/diciembre, 2012, México, pp. 53-81
- CONTRERAS, J. *et al.* Influências emocionais no endividamento. **Cadernos de psicologia** v. 4, n. 7, 2006.
- COSTA, S. da S. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, p. 969-978, 2020.
- FERREIRA, J. C. A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. **Caderno de Administração**, v. 11, n. 1, 2017.
- GALLERY, N. *et al.* *Financial literacy and pension investment decisions*. **Financial Accountability & Management**, v. 27, n. 3, p. 286-307, 2011.

GADELHA, K. A. Di L.; LUCENA, W. G. Lopes; DE SOUSA CORREIA, T. Decisões financeiras x formação acadêmica: uma contribuição com base na educação financeira. **Revista de administração e negócios da Amazônia**, v. 7, n. 1, p. 42-63, 2015.

HUSTON, S. J. *Measuring financial literacy*. **Journal of consumer affairs**, v. 44, n. 2, p. 296-316, 2010.

LEAL, C. P.; NASCIMENTO, J. A.. Planejamento Financeiro Pessoal. vol. 15, nº 22. Anhanguera: **Revista de Ciências Gerenciais**, 2011. Disponível em: <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/rcger/article/view/2101/3439> Acesso em jan. de 2022.

LEITE, A. P. R.; SANTOS, T. C. dos. Consumo Consciente e as Empresas: uma análise na visão dos consumidores natalenses. In: Conference International Society for Third-sector Research International, 2007, Salvador. **Anais da VI Conferência Regional de ISTR para a América Latina e Caribe**. Salvador, 2007.

LUCCI, C. R. *et al.* A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

MACEDO JUNIOR, J. S. **A árvore do dinheiro**: Guia para cultivar a sua independência financeira. Florianópolis: Insular, 2013.

MANKIW, N. G.. **Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MELONIO, L. da C. C.; DE CEZERE, M. L. S.; DE CASTRO OLIVEIRA, W. Regressividade financeira: investigação do impacto econômico durante a pandemia do coronavírus COVID-19 sobre a família brasileira. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, 2021.

MORAES, G. H.; ALBUQUERQUE, A. E. Cenários do direito à educação. **Cadernos de estudos e pesquisas em políticas educacionais**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, v. 3, n. 4, p. 1-338, 2021.

OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices For Financial Education and Awareness**. Recommendation of The Council. July, 2005.

OLIVEIRA, P. **Educação financeira em cursos de graduação: um estudo comparativo**. 2022. 120 f. Dissertação (Mestrado em Finanças) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2022.

PINDYCK, R. S.; RUBINFELD, D. L. **Microeconomia**. 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2014.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. Me.; KIRCH, G.. Determinantes da alfabetização financeira: Análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 26, p. 362-377, 2015.

SILVA, C.L. *et al.* **Educação financeira e o comportamento do consumidor: um estudo com jovens de Ituiutaba/MG.** 2018.

SILVA, M. A. da. **Gestão das finanças pessoais: uma análise sobre a percepção dos discentes do curso de administração da UEPB campus I em Campina Grande - PB.** 2016. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.

SOUZA, F. T. G. **Os efeitos do estresse financeiro no ambiente de trabalho brasileiro.** 2017. 56 f. Dissertação (Mestrado em Economia e Finanças). Fundação Getúlio Vargas. Escola de Economia de São Paulo. 2017. Disponível em: [Os efeitos do estresse financeiro no ambiente de trabalho brasileiro - Fabio Gadelha](#) Acesso em jan. 2022.

SOUZA, G. S.; ROGERS, P.; ROGERS, D. Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física. Encontro de Gestão e Negócios, 29 a 31 out. Uberlândia, Minas Gerais. 2019. **Anais eletrônicos.** Disponível em: [Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física.pdf](#) Acesso em jan. 2022.

TEIXEIRA, J. **Um estudo diagnóstico sobre a percepção da relação entre educação financeira e matemática financeira.** 2015. 160 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. 2015.

TRINDADE, L. de L.; RIGHI, M. B.; VIEIRA, K. M. De onde vem o endividamento feminino?: construção e validação de um modelo PLS-PM. REAd. **Revista Eletrônica de Administração** (Porto Alegre), v. 18, p. 718-746, 2012.

VIEIRA, E. G. F.; KILIMNLK, Z. M.; DOS SANTOS NETO, S. P. Qualidade de vida e endividamento: estilos de vida associados ao descontrole financeiro e consequências na vida pessoal e profissional. **Revista Reuna**, v. 21, n. 2, p. 23-62, 2016.

WISNIEWSKI, M. L. G. A importância da educação financeira na gestão das finanças pessoais: uma ênfase na popularização do mercado de capitais brasileiro. **Revista Intersaberes**, v. 6, n. 11, p. 155-170, 2011.

WORTHINGTON, A. C. *Predicting financial literacy in Australia.* **Financial Services Review**, v. 15, p.59-79, jan. 2009.